

PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS, SOB O DOMÍNIO DAS PULSÕES

Ana Flávia Araújo Dias¹
Maria Aparecida Nogueira Schmitt²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar o conto de Machado de Assis, *Pai contra Mãe*, escrito em 1906 e publicado no livro **Relíquias da Casa Velha**, dezoito anos após o fim da escravidão. O conto narra a história de Cândido Neves, o protagonista, um homem branco que tem dificuldades por se decidir sobre qual ofício deve se conservar, depois de passar por vários. Candinho, como é familiarmente conhecido, tem a preferência pelo ofício de pegar escravos fugidos. Ele gosta de profissões em que não precisa ficar sentado. Clara é a outra personagem que se enamora e casa com Candinho. A moça é órfã, jovem e mora com a tia, Mônica, uma mulher racional e importante na vida do jovem casal. A história desses três personagens, suas condutas e atitudes serão contextualizadas sob a vertente psicanalítica e perpassadas por teorias como a da malandragem, de João Cézar de Castro Rocha, a da dominação masculina, de Bourdier, e a do Riso, de Henri Bergson.

Palavras-chave: Machado de Assis. Psicanálise. Teorias da literatura.

1 INTRODUÇÃO

(...) a obra era essencialmente uma transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro (...).

Antonio Candido

O conto intitulado *Pai contra Mãe* foi publicado em 1906, no livro **Relíquias da Casa Velha**, do autor Joaquim Maria Machado de Assis, jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo. Esse conto foi escrito, portanto, cerca de dezoito anos após o fim da escravidão no Brasil e é o único do livro que trata explicitamente do tema. O enredo se inicia com o narrador apresentando ao leitor fatos relativos à escravidão, bem como às formas de conter a embriaguez dos escravos, além de apontar, de uma forma geral, como conter o negro. Existia no século XIX um ofício que tinha por finalidade capturar os escravos fugitivos e os levar aos seus donos. Essa é a história descrita em *Pai contra mãe*.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

² Pós-doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Cândido Neves, protagonista, depois de transitar pelos ofícios de tipógrafo, comerciante, caixeiro, funcionário da repartição do Ministério do Império, carteiro, entalhador, entre outros tantos, empenhou-se na ocupação de procurar escravos fugidos. O ofício não lhe oferecia bons rendimentos, mas lhe trazia um novo encantamento. Esse encantamento por diferentes ofícios foi o que fez a jovem órfã, Clara, ter a discordância da tia, Mônica, ao se interessar por Candinho, como era chamado o rapaz pelos familiares. Ainda assim, os jovens se casaram e viveram com bastantes privações, especialmente quando descobriram a gravidez de Clara. Tia Mônica, que morava com eles, ficou desorientada ao saber da notícia, mas Clara confiava que Deus iria ajudá-los. Mesmo a contra gosto e de má vontade, Mônica ajudava a sobrinha que cosia para fora. Tia Mônica era uma mulher racional e dava conselhos à sobrinha e ao marido, nem sempre aceitos, mas considerados por aquela, necessários. Tome-se o caso da orientação dada ao casal para entregar o filho à Roda dos enjeitados, acreditando que essa fosse a maneira de garantirem à criança uma chance de sobrevivência. Os pais abominaram a ideia e preferiram acreditar que Deus os ajudaria. A gravidez de Clara avançava e a situação financeira do casal acompanhava de maneira lastimável. As dívidas iam se acumulando e tudo isso decorrente da situação de não haver mais escravos fugidos para Candinho capturar, acrescido ao fato de o número de mãos hábeis e novas no ofício terem aumentado.

Era chegado o momento de Clara dar a luz e a situação financeira estava cada vez pior, pois até mesmo de despejo foram ameaçados. A solução acabava sendo a de entregar o filho à Roda, conforme a quase imposição de tia Mônica.

A única chance de Cândido sair dessa difícil situação financeira era procurar e encontrar a específica escrava fugida, uma mulata cuja captura renderia a soma de cem mil-réis, o que era raridade para a ocasião. Como Cândido não havia encontrado tal escrava e não tendo mais como manter financeiramente a esposa e o filho depois do veredicto de tia Mônica para que o casal decidisse a entregar o filho à Roda dos enjeitados, acabou por levar a criança.

No caminho para a rua onde ficava a Roda dos enjeitados, Candinho vira a escrava e deixou seu filho com um farmacêutico, enquanto foi em busca daquela. Ele a prendeu e a levou arrastada até o dono e, recebendo os cem mil-réis da gratificação, voltou para casa com seu filho nos braços.

Candinho é uma figura relevante dentro do conto e, devido a sua atuação na

trama, ou seja, por não permanecer em nenhum ofício, se assemelha aos malandros retratados no modernismo que vivem à custa das mulheres, mas sempre buscam manter boa imagem perante a sociedade. João César de Castro Rocha, em seu ensaio, **A guerra de relatos no Brasil contemporâneo**, ou: a dialética da marginalidade, cita uma passagem de Antonio Candido acerca da competência do malandro:

De acordo com Candido, a formação social brasileira teve como base de mão dupla entre os pólos da ordem e da desordem. Tal negociação era levada a cabo principalmente pela figura socialmente plástica do malandro – homem de muitas faces e discursos, cujo gingado compete com sua habilidade em tirar vantagem nas mais diversas, e adversas, situações. Esse modo especial de negociar diferenças permite a coexistência de diversos códigos dentro do mesmo espaço social, evitando – dessa maneira – o surgimento de conflitos sociais ou, pelo menos, tornando-os mais prontamente controláveis (CANDIDO, 1970 apud ROCHA, 2007, p.33).

O fato de Candinho ter se identificado com o ofício de pegar escravos fugidos demonstra a dominação exercida por ele – branco - sobre os negros, o que até fisicamente era assim observado no contexto histórico-político-social da época.

Pegar escravos fugidos trouxe-lhe um encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olho vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pesquisas. Tinha boa memória. Fixados os sinais e os costumes de um escravo fugido, gastava pouco tempo em achá-lo, segurá-lo, amarrá-lo e levá-lo. A força era muita, a agilidade também (MORICONI, 2001, p.22).

Há uma relação animalesca descrita pelo narrador, uma ferocidade marcada no protagonista que apresentava astúcia de caçador e esperteza de negociante. Em tudo Candinho, o branco, se igualava ao negro fugido, mas precisava dominá-lo e de oprimi-lo.

Mais de uma vez, a uma esquina, conversando de cousas remotas, via passar um escravo como os outros, e descobria logo que ia fugido, quem era, o nome, o dono, a casa deste e a gratificação; interrompia a conversa e ia atrás do vicioso. Não o apanhava logo, espreitava lugar azado, e de um salto tinha a gratificação nas mãos. Nem sempre saía sem sangue, as unhas e os dentes do outro trabalhavam, mas geralmente ele os vencía sem o menor arranhão (MORICONI, 2001, p.23).

Essa supremacia branca era imposta pela sociedade e mesmo aqueles que

não possuíam alto poder aquisitivo sentiam-se também no direito de sobrepujar os menos validos, especialmente negros e escravos. De acordo com Elvis Paulo Couto, em seu ensaio **Robert Schwarz e a crítica social na literatura de Machado de Assis**, Candinho fazia parte de uma classe que:

Não só manchava a bandeira liberal hasteada na nação recém independente, mas também uma classe que vivia sanduichada entre escravos e proprietários: os clientes, também conhecidos como agregados. Estes homens eram brancos, livres e pobres, não conseguiam se inserir na ordem escravocrata, não havia um lugar definido para eles. Como não existia trabalho no Brasil do século XIX, pois a mão de obra escrava realizava o grosso da produção nacional, a essa lambujem de gente livre só restava viver de favor. Os agregados eram, em realidade, cooptados por um grande, isto é por um proprietário de escravos à maneira do Brasil imperial; e aos cacoetes autoritários deste se sujeitavam (COUTO, 2016, p.154).

A vida de Candinho não se resumia apenas aos ofícios, mas também aos prazeres, especialmente quando conheceu Clara. A jovemmoça era órfã e morava com a tia Mônica e, embora trabalhasse na costura, sobrava tempo para namorar um pouco. O que Clara percebia é que nenhum rapaz lhe deixava saudades, ou que lhe acendia desejos, até conhecer Cândido, pois o amor traz sobrescritos.

Candinho e Clara logo se enamoraram.

Quando a moça viu Cândido Neves, sentiu que era este o possível marido, o marido verdadeiro e único. O encontro deu-se em um baile; tal foi - para lembrar o primeiro ofício do namorado, - tal foi a página inicial daquele livro, que tinha de sair mal composto e pior brochado. O casamento fez-se onze meses depois, e foi a mais bela festa das relações dos noivos (MORICONI, 2001, p 21).

A vida, porém, não estava sendo muito favorável ao jovem casal, mas Clara e Candinho contavam com a providência divina, como uma forma compensatória de religiosidade. Ambos acreditavam que a vida poderia ser vivida sem preocupações; não se importavam com as necessidades materiais e ainda pensavam que o provimento viria de Deus. Tia Mônica, contudo, compartilhava desse pensamento:

(...) Tia Mônica, depois do casamento, na casa pobre onde eles se foram abrigar, falou-lhes uma vez nos filhos possíveis. Eles queriam um, um só, embora viesse a agravar a necessidade". (...) Nossa Senhora nos dará de comer, acudiu Clara. Tia Mônica devia ter-lhe feito a advertência, ou ameaça, quando ele lhe foi pedir a mão da moça; também ela era amiga de patuscada, e o casamento seria uma festa e foi (MORICONI, 2001, p.21).

A descoberta da gravidez de Clara foi outro momento em que o casal contou

com essa religiosidade compensatória e deixou a tia Mônica desorientada “- Deus nos há de ajudar, titia, insistia a futura mãe” (MORICONI, 2001, p. 21).

Embora Candinho e Clara vivessem em situação financeira desconfortável, estavam sempre rindo, alienados dos sofrimentos que a vida lhes oferecia. “O casal ria a propósito de tudo. Os mesmos nomes eram objeto de trocados, Clara, Neves, Cândido; não davam que comer, mas davam que rir, e o riso digeriu-se sem esforço” (MORICONI, 2001, p. 21).

O filósofo francês Henri Bergson, em sua obra **O riso** – ensaio sobre a significação do cômico, explicita sobre como o riso é visto na literatura. Segundo ele, o riso possui sentido e alcance sociais, constituindo uma inadaptação particular do indivíduo ao ambiente social. Segundo Bergson, “num defeito, até mesmo numa qualidade, a comicidade está no fato de que o personagem faz, à sua revelia, o gesto involuntário e diz a palavra inconsciente. Todo desvio é cômico” (BERGSON, 1987, p.77).

O comportamento inconsequente de Cândido e Clara, desprovido de comprometimento, atesta o desvio da atitude habitual de casais amadurecidos, preocupados com o bem-estar de sua prole, o que atribui comicidade ao texto.

Dignos de referência, no conto, são os nomes dos personagens: Cândido Neves e Clara carregam em si significados como transparência, alvura, brancura e isso caracteriza uma dicotomia com a postura dominadora que o protagonista impõe aos negros cativos fujões. Em nada Candinho é melhor que esses escravos, mas os trata quase como animais.

Quanto à figura de Tia Mônica, no conto representa uma espécie de consciência, de razão para Candinho e Clara. Embora muitas vezes essa razão parecesse dura demais, ao mesmo tempo, dava sinais de uma certa brandura, de cuidado e atenção, características muito peculiares às mães. Ela sempre tinha não só palavras sábias e assertivas, como também tomava atitudes de ajuda e providências, o que está evidenciado na passagem em que providenciou lugar para os três morarem, após o despejo:

(...) Não contavam com a tia. Tia Mônica teve arte de alcançar aposento para os três em casa de uma senhora velha e rica, que lhe prometeu emprestar os quartos baixos da casa, ao fundo da cachoeira, para os lados de um pátio. Teve ainda a arte maior de não dizer nada aos dois, para que Cândido Neves, no desespero da crise começasse por enjeitar o filho e acabasse alcançando algum meio seguro e regular de obter dinheiro; emendar a vida,

em suma (MORICONI, 2001, p.25).

Além da relação afetiva estabelecida entre os pais e o filho, demonstrada no conto, uma vez que fica claro que os jovens desejam o filho, há agravante de Cândido não querer levá-lo à Roda dos enjeitados, por ser uma criança do sexo masculino. Historicamente ter o filho primogênito homem traz um *status* que representa a perpetuação do patriarcalismo.

No conto está implícita a ideia hegemônica do sexo masculino a que Pierre Bourdier apresenta como manancial da dominação masculina:

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais (BOURDIER, 2011, p. 45, grifo do autor).

A própria situação de Candinho procurar, incansavelmente, uma solução para não se submeter ao veredicto final de tia Mônica e deixar seu filho na Roda dos enjeitados também configura uma forma de dominação masculina.

É relevante considerar que o conto valida o pensamento social vigente, uma vez que a voz do narrador ressalta a importância do sexo masculino da criança. Tem-se nesta passagem efeitos da visão androcêntrica como essência social hierarquizada: “Notai que era um menino, e que ambos os pais desejavam justamente este sexo” (MORICONI, 2001, p. 25).

A escrava fugitiva que, por caminhos diversos, salva a criança de Candinho e Clara, também é um importante personagem no conto, uma vez que detém alto valor financeiro por sua captura, estabelecido pelo dono.

Cândido não mediu esforços para encontrar a escrava, ao procurar pelas ruas onde havia sido vista, teve informações de um farmacêutico de ter vendido para uma mulher determinada droga. Segundo ele a tal mulher tinha as mesmas características da escrava procurada. Retornando ao local indicado, Cândido viu uma escrava que prontamente atendeu ao ser chamada pelo nome, Arminda, e, ainda que

a mulher lhe implorasse misericórdia por estar grávida, ele a laçou e ignorou o desesperado pedido. A escrava recorreu à complacência de Candinho, revelando-lhe a gravidez:

- Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei sua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço!
 - Siga! Repetiu Cândido Neves.
 - Me solte!
 - Não quero demoras; siga!
- (MORICONI, 2001, p. 26)

Chegando à casa do senhor, a fugitiva foi atirada ao chão e, depois de algum tempo, abortou.

Quanto à análise dos perfis de Candinho e Clara, o texto **Sobre a noção de sujeito**, do livro **Introdução à Análise do discurso**, de Helena H. Nagamine Brandão, apresenta sustentação teórica no que se refere ao seu pensamento sobre a importância da interação dos indivíduos, declarando:

(...) sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. Dessa forma, como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação ao discurso do outro (BRANDÃO, 2012, p.59).

É o que objetivamente faz Candinho, ao reproduzir, não só o discurso, como a ideologia escravocratas representações da época e, sobretudo, na escrita de Machado de Assis que consegue radiografar para expor nos seus textos as mazelas da alma humana.

2 UM OLHAR PSICANALÍTICO SOBRE O CONTO

Para Freud, o caráter impelente do indivíduo para ver realizados seus desejos e suas necessidades dá origem às pulsões, ressaltando que:

A pulsão (...) jamais atua como uma *força momentânea de impacto*, mas sempre como uma *força constante*. Como ela não ataca de fora, mas do interior do corpo, nenhuma fuga é eficaz contra ela. Uma outra denominação melhor para o estímulo pulsional seria “necessidade” e para o que suspende essa necessidade, “satisfação” (FREUD, 2013, p. 19, grifo do autor).

A pulsão de Cândido se dá pela necessidade de ficar com o filho, de não colocar na Roda dos enjeitados. É justificada por essa força imanente que o acompanha e o faz trocar de ofício, uma forma de mudar de pele ou de pessoa. É um movimento que ocorre de dentro para fora e que contamina também Clara. Ainda sobre pulsão, Freud considera sob o viés da pressão: “O caráter impelente é uma característica geral da pulsão, sua própria essência. Toda pulsão é uma parcela de atividade(...)” (FREUD, 2013, p.25). Candinho sai à procura da escrava, demonstrando fazer um movimento para alcançar seu objetivo, uma vez levado pela pulsão.

Todas essas características fazem com que Candinho seja um protagonista diferenciado. Segundo Goldmann, ele seria:

O herói demoníaco do romance é um louco ou um criminoso, em todo o caso (...) um personagem problemático cuja busca degradada e, por isso, inautêntica de valores autênticos num mundo de conformismo e convenção, constitui o conteúdo desse novo gênero literário que os escritores criaram na sociedade individualista e a que chamaram “romance” (GOLDMANN, 1976, p. 9, grifo do autor).

No conto, um exemplo relevante desse herói demoníaco está na passagem de quando ele retorna com o filho para casa “[...] beijando o filho, entre lágrimas verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto” (MORICONI, 2001, p. 27).

É peculiar à obra de Machado de Assis que algumas questões não sejam explicitadas e deixem para o leitor a interpretação que mais lhe convier. O farmacêutico vende uma droga para Arminda uns três dias antes de Cândido a capturar, portanto o aborto aconteceu pela ingestão da droga, ou pela luta travada entre ela e Cândido?

A insensibilidade de Candinho sinaliza para o que Freud aponta como pulsão que decorre de uma pressão.

Segundo Freud:

Por *pressão* de uma pulsão entende-se seu fator motor, a soma de força de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa. O caráter impelente é uma característica da pulsão, sua própria essência. A *meta* de uma pulsão é sempre a satisfação, que só pode ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação do estado de estimulação junto à fonte pulsional. Mas, mesmo que essa meta final permaneça inalterada para todas as pulsões, diferentes caminhos podem conduzir a essa mesma meta final, de modo que podem existir para uma mesma pulsão diversas metas

aproximadas ou intermediárias, as quais podem ser combinadas ou substituídas umas por outras (FREUD, 2013, p. 25, grifo do autor).

3 MACHADO SENDO MACHADO

No trecho “O fruto de algum tempo entrou sem vida neste mundo, entre os gemidos da mãe e os gestos de desespero do dono” (MORICONI, 2011, p.27) uma ambiguidade, característica do estilo machadiano, se instala. O desespero do dono seria porque perderia mais um escravo que não chegou a nascer, ou porque o fruto daquele ventre era filho dele? E quem era esse senhor, dono de Arminda? Seria violento como ela relata? Ou amante dela? Algumas perguntas impossíveis de serem respondidas apenas no nível textual. Fica a cargo do leitor responder e criar o ritmo da trama.

O estilo que se abre a interpretações plurais na obra machadiana não foi aceito com facilidade pelos críticos literários da época. Outras obras de Machado, como *Dom Casmurro*, trazem alternativas de interpretação como ocorre com a questão se Capitu traiu ou não Bentinho. Nesse sentido o ensaio de Elvis Couto tem uma análise bastante interessante a respeito dessa relação do leitor com o narrador de *Casmurro* e que poderia ser transposta para o conto em questão:

O leitor brasileiro facilmente adere ao ponto de vista dos narradores machadianos, dos *ioiôs* elegantes, acabando por ver com naturalidade a relação entre proprietários e agregados. O autoritarismo do narrador em primeira pessoa não é algo estranho para o público consumidor da literatura machadiana, que durante muito tempo julgava como certa a traição de Capitu. Somente a partir da leitura realizada por Helen Caldwell, uma americana, é que no Brasil, começaram a surgir, na intelectualidade, importantes questões. Porque o narrador quer nos convencer de que Capitu traiu? Por que o julgamento dos homens proprietários de terras é sempre congruente? Por que a visão dos que estão em cima, no topo da pirâmide social, é a correta? Estas perguntas não eram colocadas pelos brasileiros. Foi necessária a crítica de uma estrangeira para que se pudesse ver *Dom Casmurro* como uma obra aberta. Além disso, os questionamentos de Helen Caldwell apontam que o brasileiro, na maior parte das vezes, concorda passivamente, e sem duvidar, com a arbitrariedade da classe dominante. Daí a força da literatura de Machado no sentido de nos fazer observar com olhos desacostumados as relações sociais brasileiras. E a figura do agregado, nesse sentido, merece um olhar grave e crítico (COUTO, 2016, p. 156).

O trecho a seguir mostra o protagonista machadiano se auto intitulado caipora: “Tinha um defeito grave esse homem, não aguentava emprego nem ofício, carecia de estabilidade; é o que ele chamava caiporismo” (MOROCONI, 2001, p. 20).

Segundo o folclorista, Luiz da Câmara Cascudo, o personagem folclórico caipora tem como característica ser azarento. Não é o que ocorre com Cândido Neves, ao contrário ele tem até bastante sorte em encontrar Arminda, receber a gratificação e não precisar de entregar o filho. Mas não soube aproveitar a sorte que o destino lhe reservou e usou de violência e brutalidade com a escrava, o que indica que por mais razões que tivesse para ser diferente continuava a agir com superioridade.

É o que fica explícito no fim do conto, ou seja, o determinismo darwiniano responsável pela concepção da seleção natural em que sobrevive o mais forte. No caiporismo de Candinho (quando a escrava aparece afortunadamente) ele poderia apenas aproveitar a ocasião, mas, movido pelo ideal determinista, mantém sua conduta violenta de sempre, buscando, como forma de justificar a frieza das suas atitudes, causas externas ao verdadeiro motivo: “Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração” (MORICONI, 2001, p. 27).

A escolha de qual criança viveria, ou morreria, se dá norteadada pelo determinismo, no caso, da força do branco sobre a fraqueza do negro. Segundo a teoria determinista, não constitui livre arbítrio do personagem tomar atitudes; ele age movido pela determinação, pelo caráter natural, ou sobrenatural. Candinho não teve pena da escrava, assim como o dono da casa não teve complacência com a sua família, ao dar voz de despejo ao casal. Tia Mônica por sua vez, ao pedir que Candinho desse o filho na Roda dos enjeitados, retrata que, pela lei da sobrevivência, o fraco não tem alternativas. É a lei da sobrevivência imperando.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pai contra mãe é um texto complexo em seus aspectos, não por exclusivamente ser um texto machadiano, mas por abordar temas peculiares do século XIX, como a supremacia dominadora do branco sobre o negro, do homem sobre a mulher, do rico sobre o pobre de forma intensa. Os nomes dos personagens do conto, por si, já demonstram a dicotomia instaurada; Cândido – a alvura e Clara a brancura, ainda que ambos imbuídos de sentimentos pouco nobres e puros. No texto, a presença do riso imaturo e despropositado de Clara e Cândido frente à difícil situação financeira conduz à colocação de Bergson quanto ao fato de serem os protagonistas descomprometidos em suas atitudes.

Candinho é movido por um sentimento que Freud chama de pulsão o que

está evidenciado em suas ações determinantes de seu objetivo. Para salvar seu filho da Roda dos enjeitados ele não poupa o filho de Arminda, especialmente por ser ela mulher, negra e escrava. Essa conduta ainda tem como outra causa o determinismo, segundo o qual sobrevive o mais forte, no caso, a criança branca em detrimento da negra.

Assim como em outras publicações machadianas, o conto Pai contra mãe deixa lacunas abertas para que o leitor faça as suas inferências, o que favorece uma leitura mais dinâmica, rica e instigante. Dessa forma, o conto se abre a abordagens críticas plurais e atualizadas e, embora tenha sido escrito em 1906, sua temática provoca reflexões na contemporaneidade.

PADRE CONTRA MADRE, DE MACHADO DE ASSIS BAJO EL CONTROL DOMINIO DE LAS PULSIONES

RESUMEN

El presente artículo tiene por objetivo analizar el cuento de Machado de Assis, Padre contra Madre, escrito en 1906 y publicado en el libro **Relíquias da Casa Velha**, dieciocho años después del fin de la esclavitud. El cuento narra la historia de Cândido Neves, el protagonista, un hombre blanco que tiene dificultades por decidir en qué oficio debe conservarse, después de pasar por varios. Candinho, como es familiarmente conocido, tiene la preferencia por el oficio de coger esclavos huidos. A él le gustan los oficios en los que no tiene que quedarse sentado. Clara es el otro personaje que se enamora y casa con Candinho. La joven es huérfana, joven y vive con la tía, Mónica, una mujer racional e importante en la vida de la joven pareja. La historia de estos tres personajes, sus conductas y actitudes serán contextualizadas bajo la vertiente psicoanalítica. Además de pasar por teorías como la del malandrín, de João César de Castro Rocha, la de la dominación masculina, de Bourdier, y la de la Risa, de Henri Bergson.

Palabras-clave: Machado de Assis. Psicoanálisis. Teorías de la literatura.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: MORICONI, Italo (Org.) **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. p 19 – 27.

BERGSON, Henri. **O riso**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BOURDIER, Pierre. A dominação masculina. 10. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2011.

COUTO, Elvis Paulo. Robert Schwarz e a crítica social na literatura de Machado de

Assis. Revista Florestan Fernandes, São Carlos, n.3, p.151-163, 2016. Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/169/111>. Acesso em: 23 mar. 2018.

FREUD, Sigmund. **Obras incompletas de Sigmund Freud. As pulsões e seus destinos**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Edição Bilingue. Autentica. 2013.

GOLDMANN, Lucien. **Sociologia e romance**. 2. ed. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

ROCHA, João César de Castro. A **guerra de relatos no Brasil contemporâneo**: Ou: "A dialética da marginalidade". **Letras**, Santa Maria, v. 32, n. 2, p.23-70, 13 maio 2007. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/letras/article/view/11909>>. Acesso em: 01 mar. 2015.